REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$600	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 707

20 DE AGOSTO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Pleno verão. Dois dias santos a fio. Isso é que foram alegrias! Os comboios nas linhas de Cintra, de Cintura, de Cascaes, cheios de gente. N'esses dois dias, perto de vinte contos de réis de bilhetes vendidos!

As casas de pasto cheias, abarrotando. Toiradas em Algés, e no Campo Pequeno, com as niñas toreiras. Dinheiro a rodo!

O tempo vai lindo e tristezas não pagam dividas. Vamos aproveitar o lindo sol com que a boa natureza dotou o nosso bello céo azul. Emquanto houver papel almasso, ha de haver cedulas de tostão.

Foi em meio das merendas nas hervas do Campo Grande, entre o quite d'uma niña e um boleo de Pressura, ao chiar d'uma pescadinha em Cabo Ruivo e no intervallo de duas polkas nos arraiaes da Outra Banda, que a atoarda correu, levada pelos comboios, pelos americanos, pelos vapores, pelos velocipedes: — Cahiu o ministerio!

O verão vai lindo e as cigarras teem ainda dois longos mezes para espairecerem maguas nos troncos verdejantes. O inverno ainda vem longe.

Noticias de festas, de bailes, de pic-nics, de toiradas, de concertos, chegam-nos de todas essas terras de banhos. Em todas vai grande azafama. Não ha para divertir-se como um homem estar doente. Em meio d'uma valsa, bem humora-se o melancolico, alegra-se o neurasthenico, cura-se o velho do rheumatismo.

Começam os jornaes publicando as chronicas das praias, fazendo madrigaes aos olhos bonitos, discutindo toilettes para barricadas nas estradas poeirentes e passeios nos rios cheios de sombra. Gira a bolinha de marfim em volta do prato da roleta. Doidejam as raparigas; sorrisos hypocritas volitam em labios de futuras sogras. Os elegantes das praias põem em acção seus melhores recursos de caçadores de dotes. Os tempos correm suavissimos, que por emquanto o papel almasso não encareceu. É aproveitar. Cantae cigarras estridulas, que sois de opinião que não ha alegrias sem barulho. Cantae o sol, que uma só nuvem não cobre, cantae as madrugadas frescas e rosadas, que embalsamam os pinhaes, as poentes tintos com poeiras de pedras preciosas.

Tudo se diverte na quadrilha final!

E por isso, com a maior das indifferenças, foi recebida a nova da queda do ministerio, tanto maior quanto logo foi sabido que ficava o sr. José Luciano.

Cinco ministros, nem menos, vão, pela primeira vez, tomar conta das pastas por tantos tão ambicionadas, unico ideal de muitos, tão fóra dos ideaes de tantos.

Entretanto, não é sem commoção que pela vez primeira, de correio atraz sobraçando o ideal sonhado, um homem sobe aquellas escadas largas dos ministerios, recebe os cumprimentos do pessoal, em frente da larga mesa senta-se na respeitavel palhinha da cadeira, que tantos sustos poderia contar.

Um dos novos ministros, sr. Elvino de Brito, é ha muitos annos director geral de agricultura e é um dos mais antigos parlamentares do partido progressista. Vigoroso orador, em varias legislaturas successivas representou o circulo da Covilhã. Como director geral tem prestado relevantes serviços o que não impede que seja o seu nome, n'este momento critico, muito discutido pelos lavradores.

O sr. Sebastião Custodio de Sousa Telles, novo ministro da guerra, é coronel do corpo de estado maior e membro da commissão superior de guerra. Auctor de muitos artigos publicados em jornaes scientificos, gosa da melhor reputação entre os seus collegas e ha muito que o seu nome era indigitado para aquella pasta.

O sr. José Maria de Alpoim, novo ministro da

CENTENARIO DA INSTITUIÇÃO DAS MISERICORDIAS

D. LEONOR DE LENCASTRE MULHER DE D. JOÃO II
E IRMÃ DE D. MANUEL

(Copia do retrato existente no Convento da Madre de Deus)

justiça, é um dos nossos mais distinctos e conhecidos jornalistas. Escreveu por muito tempo no *Correio da Noite* e ha muito que é o correspondente de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*. Ficaram celebres muitas das suas polemicas.

Para a pasta da marinha e ultramar entrou um collega do ministro demissionario, sr. Dias Costa, como este official de engenharia e lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa. O sr. Eduardo Villaça é o director geral da repartição de estatistica e dos proprios nacionaes no ministerio da fazenda. Intelligente e trabalhador, gosa de muitissimas sympathias.

Ficará com a pasta da fazenda o sr. Manuel Affonso de Espregueira. Por muitos annos director da Companhia Real dos Caminhos de ferro Portuguezes, que em grande parte lhe deveu a prosperidade, tamanha que chegaram a ser as nossas vias ferreas das mais rendosas da Europa, o novo ministro allia a uma altissima intelligencia tão nobres qualidades de coração, que para quantos ás suas ordens tiveram a honra de servir é seu nome veneravel e querido. Consideradissimo engenheiro, não era menos acatada sua opinião em todas as diversissimas questões sempre a tratar n'uma companhia, que era a mais importante do paiz. A sua honradez, dedicação ao trabalho e mais que provada intelligencia asseguram-nos uma gerencia da pasta difficillima, a melhor que as criticas circumstancias o permittirem.

O sr. conselheiro Veiga Beirão ficou com a pasta dos estrangeiros e o sr. José Luciano de Castro com a do reino e a presidencia.

Muitas difficuldades vão os novos ministros encontrar e não serão talvez as menores as que a nossa visinha Hespanha lhes prepara com as previstas commoções politicas.

A paz com a grande republica norte-americana, uma vez definitiva, será talvez o inicio de novas campanhas de mais crueis resultados.

Toda a imprensa da Europa se occupa, sob seus pontos de vista especiaes, da questão hespanhola, havendo artigos de jornaes, aliás muito considerados, que chegam ás mais espaventosas conclusões.

Assim diz o *Daily Telegraph* que a raça latina está destinada a desapparecer completamente da historia, e o *Daily Chronicle*, depois de varias considerações, conclue por asseverar que a Hespanha deve a maior gratidão a Mac-Kinley e deve abençoar-lhe o nome!

Cada qual escreve o que lhe dicta a fantasia. Uns fazem considerações historicas concluindo os maiores absurdos, outros inventam logo de principio a mentira. N'esse particular os americanos levariam a todos a palma, se não viesse *La Correspondencia Militar* com o seu artigo: — *Mac-Kinley Imperator*.

Mac-Kinley de corôa e sceptro, divorciado da esposa esteril e novamente casado com uma princeza allemã rodeado por condes e duques escolhidos entre os melhores generaes e almirantes, lembra aquelle famoso golpe de estado de Gambetta, inventado pelo *Figaro*, em que até admiravelmente eram imitados uns versos de Victor Hugo, que este teria improvisado contra o imperador Leão I.

Nos casos tristes é bom rir de quando em quando, que o riso retempera as almas. Mas mais vale saber evital-os e aprender as lições com o fogo nas barbas dos visinhos.

Soube rodear-se o sr. José Luciano, que deve considerar como das maiores felicidades na sua vida politica o ter convencido cinco homens de valor a estrearem-se no ministerio com tão pesada cruz como a herdaram.

Não são de sobejo entre nós os homens, que tal nome mereçam. Da gloria, dividida por tão poucos, maior quinhão cabe a cada um. A gratidão é muitas vezes tardia e nem sempre se revela externamente dando valor ao exemplo. Uma excepção houve, porém, e abençoada foi, porque poucos entre nós mereceram tamanhas honras com esse grande entre os maiores, que se chamou Sousa Martins. Foi collocada a primeira pedra no monumento que vão erguer-lhe em frente do novo edificio da Escola Medica no Campo de Sant'Anna, e a estatua do grande mestre erguer-se-ha eternamente, contando a historia d'um santo.

Apreciar os que são dignos de apreço entre tanta mediocridade balôfa, sabe o povo muita vez, os governos quasi nunca. As provas seriam de sobejo para encher volumes n'este Portugal, onde Camões morreu n'uma enxerga, mas onde qualquer agiota tem a commenda de Christo.

Por isso o povo anda indifferente á politica e, em vez de preoccupar-se com quedas e construcções de ministerios, vai aproveitando os dias bonitos para passear no campo, as noites alegres nos theatros para espalhar o bofe.

Abriu novamente o theatro do Principe Real com uma revista *Nun se sabe*, que agradou; continuam abertos o theatro da Avenida com o *Ali-di-greta*, que conta sessenta e tantas representações, e o da Trindade com o *Reino das Mulheres* em muito bom caminho; acabaram no D. Amelia as recitas do *Cyrano*.

A maior parte dos artistas, que durante a passada época representaram no theatro de D. Maria, levando a dirigil-os João e Augusto Rosa, Brazão e Rosa Damasceno, partem nos primeiros dias de outubro para Madrid, onde representarão no Theatro Hespanhol, que, pela primeira vez, abre as suas portas a companhias extrangeiras. Levam as melhores peças do repertorio, algumas de grande espectaculo e varios originaes portuguezes. De Madrid seguirão para Barcelona e talvez Valencia.

Não os veremos, portanto, durante o inverno em Lisboa. Nem sequer sabemos se outra vez os veremos representando no theatro de D. Maria. O publico, que tanta vez e com tanta justiça os applaudiu, terá saudades d'elles, da namorada gentil no *Amigo Fritz*, recitando trêchos da biblia junto do poço; do Hamlet pensativo e do Othello ciumento; d'aquelle bom Abbade Constantino adormecendo de mãos no ventre, placidamente depois do jantar; do espadachim Cesar de Bazan e d'aquella deliciosa figurinha de presepio no *Auto Pastoril Portuguez*.

E não falaremos, porque nenhum deveria esquecer e todos se não podem mencionar, de tantos que formaram n'aquelle theatro um dos melhores conjunctos que teem havido em theatros portuguezes. De muitos d'elles e com os maiores elogios, entre sorrisos descrentes de patricios nossos, ouvimos falar a artistas, universalmente como taes reconhecidos, á Duse, ao Vico, ao Novelli.

Bem se importam os governos com a arte! Elles lá teem que ir procurar em terras estranhas, agora em Madrid, mais tarde talvez na America, o que o governo portuguez lhes negou, porque não quiz reconhecer n'elles o que o publico em freneticos applausos tanta vez acclamou.

De que serve o trabalho de muitos annos a quem se lembrar d'uma recompensa?

Seis annos houve em que o governo poude com tempo pensar na reforma do theatro de D. Maria. Só á ultima hora se lembrou d'isso; mas com tanto vagar o fez ainda assim, que o decreto só appareceu, quando os melhores artistas, fartos de esperarem, hora a hora enganados, talvez sem culpa do governo, com respeito ao dia d'essa publicação, tendo, por certo dever moral, que attender a pedidos de antigos escripturados, resolveram ir, além das fronteiras, procurar um bocadinho de gloria para si e um bocado de pão para os collegas.

No dia 10 ficou essa viagem resolvida e no dia 11 de agosto de 1898, appareceu o decantado decreto, que transformou o Diario do Governo n'um jornal de troça.

Aquillo não deve discutir-se. Não lhe appareceu um defensor. Cai por si.

Assim seja, em nome d'um bocadinho de amor á arte e da moralidade.

João da Camara.

Quarto Centenario da Instituição da Misericordia de Lisboa

15 de agosto de 1498

Decorrera a quadra aventurosa dos descobrimentos e conquistas que a um tempo cobriram a nação de imperduraveis glorias e depauperaram as forças vivas do paiz, deixando-o exhausto de braços, abandonada a agricultura, descurados os misteres, abertas as portas de par em par á miseria publica que assolava o reino, juntamente com as mortiferas pestes.

A este espectaculo duplamente grandioso e terrivel, de glorias funambulescas e de miserias latentes, assistiu serena, na sua dôr de mãe e de viuva, a rainha D. Leonor, essa inolvidavel figura de bondade, esse anjo soffredor, que para minorar as torturas do seu coração angustiado, espargiu a flux sobre os miseraveis e desvalidos os thesouros inesgotaveis da sua immensa caridade. Pertencia D. Leonor, modelo excelso de mulher e de rainha, á egregia e portugueza familia do fundador da dynastia. Neta de D. Duarte, casára com seu primo co-irmão que, subido ao throno de Portugal, obteve dos justos historiadores o cognome de Principe Perfeito.

No dizer de um dos mais aprimorados e sapientes escriptores do nosso tempo, era a rainha D. Leonor «de singular formosura de corpo e de espirito; adornavam-lhe a alma attributos não vulgares». [1]

Cheia de desgostos, devidos ás desavenças entre o esposo e os seus parentes, depois de ter visto o primo degolado e apunhalado o irmão, dois fundos golpes, vieram por fim alancear-lhe ainda mais o coração dulcissimo: — o fim tragico do filho querido, morte desastrosa e horrivel que destruiu pela base os sonhos ambiciosos do grande rei, levando-o á sepultura, e a morte do proprio D. João II.

Ainda que debil e de delicada saude, a rainha D. Leonor sobreviveu trinta annos a seu marido, empregando este tempo da sua vida na pratica das mais acrysoladas virtudes, legando á posteridade instituições que trouxeram o seu nome, entretecido de louvores, até á data de hoje, em que de envolta com os festejos ainda recentes que celebraram os feitos heroicos do Gama, com egual fervor se enaltecem e apregoam as obras de tão piedosa e beneficente princeza.

D'ella nos diz outro escriptor illustre: — «Aquella rainha tão portugueza é a mais bella personificação do amor do proximo.» [2]

Tanto se lhe entranhou no espirito desolado a paixão profunda pela perda d'aquelles dois entes idolatrados que não só se dedicou inteiramente á pratica das mais afamadas obras de piedade, como tambem buscou e conseguiu crear em volta de si, no meio influente e opulento em que vivia, uma fortissima corrente de acção caritativa para as miserias e desventuras do proximo.

Encontrou portanto o melhor terreno no coração piedoso da virtuosa rainha a iniciativa bondosa do seu veneravel confessor, o celebre prégador fr. Miguel Contreiras.

Era este um frade valenciano, professo da Ordem da Santissima Trindade, da Redempção dos captivos, que no anno de 1481, na já provecta edade de 50 annos, passou para a Casa da Ordem, em Lisboa, onde continuou a exercer a profissão de orador sagrado.

A sua vida fôra uma serie ininterrupta de glorias; amado e respeitado, a sua palavra attrahia os ouvintes de todas as gerarchias que accorriam a escutal-o quando pregava na Sé Cathedral, nas ruas, nas praças e até nas synagogas dos judeus, onde se aventurava a converter os incredulos.

Sobrelevavam porém a estes dotes superiores do seu intellecto, os actos de caridade, que era a feição especial de seu espirito. Onde via uma miseria a soccorrer, um desvalido a amparar, alli acudia o venerando fr. Miguel Castelhano, como lhe chamavam, com os recursos que podia obter.

Era nas cadêas, entre os infelizes, que de preferencia o viam, dando consolação e soccorro espiritual aos presos, exhortando-os a soffrer com paciencia as penas que padeciam, confessando-os e acompanhando-os na hora derradeira.

Corria as ruas, acompanhado de um anão e um jumento sobre o qual conduzia as esmolas que implorava. Findo o peditorio recolhia-se a um pateo da Sé onde effectuava a partilha remettendo ás viuvas e recolhidas, cuja relação trazia, parte das esmolas, e distribuindo o restante pelos presos e pelos pobres que accorriam áquelle logar.

Além do resgate dos captivos a que se entregava com afan, por ser encargo da Ordem a que pertencia, occupava-se tambem no piedoso mister de amortalhar e enterrar os mortos, que áquelle tempo eram lançados ás ruas, ou que o mar arrojava ás praias.

Quando o via passar, o povo exclamava: «alli vai o apostolo, o pai dos pobres, o amparo dos orphãos e o remedio de todos.» Assim obteve a estima e veneração geraes, até que a rainha D. Leonor sabedora do alto quilate d'aquelle coração e dos elevados dotes do seu espirito, de que ella propria era uma das mais assiduas admiradoras, o escolheu e chamou, com muito particular apreço, para o graduado cargo de seu Confessor e Prégador, trazendo-o ao convivio da côrte, onde logo conquistou as graças do proprio D. Manuel, de sua filha a infanta D. Brites e bem assim da grande maioria dos mais illustres personagens d'aquella côrte selecta.

Já em tempo de D. João II influira elle este monarcha á fundação do magnifico Hospital Real de Todos os Santos, de Lisboa, no qual em 1492 se incorporaram solemnemente todos os hospitaes que a esse tempo existiam na capital.

Conta-nos o chronista da Santissima Trindade que fr. Miguel Contreiras, vendo — «o desamparo em que se achavam muitos enfermos, recolhidos no seu tempo pelos adros das egrejas e arcos do

---

[1] Francisco da Fonseca Benevides. — *As rainhas de Portugal*, pag. 283.

[2] Visconde de Castilho — Ribeira de Lisboa, pag. 206.

Rocio, os quaes por falta de conhecimento ou por serem extrangeiros, não havia quem os recolhesse e abrigasse do rigor do tempo e que por dispersos lhe davam muito trabalho nas provisões de soccorro intentou fazer um hospital para os recolher a todos e serem curados»—o que realisou em umas casas que a camara lhe cedeu a Santo Antonio da Sé.

Aparte porém estes beneficentes actos, collaborou o illustre trino nas obras piedosas da santa rainha, tantas e tão conhecidas, que neste artigo não cabe a enumeração d'ellas.

Chegou porém occasião opportuna para se levar a effeito a mais notavel e perfeita instituição d'estas duas almas bemaventuradas.

Havia desde remotos tempos, na Sé, uma confraria, denominada da Piedade, formada de homens bons e compassivos que recolhiam esmolas com que soccorriam os pobres. Foram decerto estes homens que, segundo parece, se reuniam no adro da Sé, os companheiros e auxiliares de fr. Miguel nas suas caritativas obras.

Alli, n'aquella portaria principal da vetusta egreja, onde se ajuntavam e punham mesa e caixa para angariar esmolas, combinaram elles por certo com o venerando trino a traça de um instituto, que havia de ser uma das glorias da nossa terra. Conseguiram conservar se, em um velho manuscripto da Torre do Tombo, os nomes d'estes benemeritos: —João Rodrigues Ronca, Contim do Paço, flamengo, morador na rua Nova, João Rodrigues, cerieiro, que vivia á Porta de ferro, um livreiro chamado Gonçalo Fernandes, e um Valenciano Broslador, morador na Correaria.

Esse instituto assim planeado era a Confraria da Misericordia cuja fundação se levou a effeito no anno de 1498. Estava El-rei ausente do reino, e governava-o como regente a Rainha D. Leonor. Obtido o favor e annuencia da Soberana, em cujo animo encontrou prompto assentimento e impetrada do arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa, a necessaria licença, effectuou-se com grande pompa a solemnidade festiva da inauguração da nova Confraria no dia 15 de agosto de 1498, em uma das capellas do claustro da Sé Cathedral, dita de Nossa Senhora da Piedade, tambem conhecida pela denominação de Nossa Senhora da terra solta, em razão de ser terreo o pavimento d'ella.

Na velha Cathedral o tempo apagou porém a tradição corrente de tão importante acontecimento.

A Capella escondida a um canto do claustro existe esquecida e occulta sob pesados pannos e ainda ha pouco o cabido a doou, como desnecessaria á Irmandade do Santissimo da freguezia de Santa Maria Maior, a cuja guarda está presentemente confiada.

Regressando ao reino El-rei D. Manuel, approvou logo esta pia e util instituição louvando e apadrinhando a idéa; e como prova de grande applauso e satisfação que ella lhe merecia, obteve do pontifice Alexandre VI a confirmasse e concedeu-lhe o regio patrocinio, ordenando que se construisse um magnifico templo e edificio para a sua accomodação. Começou-se esta obra, costeada com esmolas, e só veio a concluir-se em 1534 no reinado de D. João III, constituindo até 1755 uma das maravilhas architectonicas de que com justa razão se ensoberbecia a capital.

D'esse magnifico e sumptuoso edificio só restam hoje, a formosa frontaria da Conceição Velha,[1] que era a porta travessa do antigo templo e uma porta muito estragada pelo cataclismo de 1755, no museu do Carmo. Tudo mais o terremoto subverteu na sua grande convulsão sismica.

Em 1525, aos 17 de novembro, fallecia a egregia rainha D. Leonor, trinta annos depois de seu marido, durante os quaes espargiu em volta de seu regio nome uma auréola de sanctidade e firmou a fama de suas virtudes, principalmente perpetuada na sua obra predilecta, na immorredoura creação das MISERICORDIAS, ainda hoje vivas e beneficas, remediando com a esmola as miserias concelhias, resgatando da morte e da fome muitos desgraçados, amparando os expostos, os orphãos, os velhos, os enfermos.

Tambem, antes de morrer tinha passado pela dôr de lhe faltar o amparo de seu dilecto confessor fr. Miguel Contreiras, fallecido em 29 de janeiro de 1505, na avançada edade de 73 annos e quatro mezes.

Repousa a fundadora, no seu tumulo, no formoso convento de Xabregas, porém os ossos do veneravel trino, sepultado no convento da Trindade, foram confundidos com os de outros religiosos, desapparecendo até os ultimos restos do edificio que lhe servira de ultima jazida.

O seu retrato porém figurou sempre no quadro ou painel das MISERICORDIAS, como em 1576 expressamente se determinou e foi confirmado em 1627.

É tal como o representa a gravura que acompanha este artigo. D'elle seguidamente daremos mais particularisada noticia.

*

A par com a memoria da illustre rainha, ergue-se rediviva, na sua imperecivel gloria, a imagem do venerando ancião, fundador e inspirador de uma das mais louvaveis e admiraveis instituições que em todos os tempos tem sido creadas para exercicio da beneficencia e das praticas altruistas e humanitarias da caridade mais evangelica.

A miseria de todos os tempos abençôa as duas almas generosas e crentes que buscaram um ideal de Bem e de Caridade, ao tempo em que tantos outros cerebros, que a historia enaltece e glorifica, andavam empenhados em buscar ideaes de vaidade, de dominação ou de exterminio.

Victor Ribeiro.

[1] No n.º 698 de 20 de maio do corrente anno, publicámos a gravura do portal, onde se vê o famoso grupo de pedra que anda reproduzido nos paineis das Misericordias.

Este artigo é constituido por trechos do livro intitulado: *A Misericordia de Lisboa, Subsidios para a sua historia*, que em breve sahirá a publico para commemorar esta gloriosa e festiva data do centenario da Instituição da Santa Casa.

AS NOSSAS GRAVURAS

GUERRA HISPANO-AMERICANA

Santiago de Cuba

A pagina 132 do presente volume publicamos uma vista da bahia de Santiago de Cuba que acompanhamos com a descripção do theatro da guerra, que tanto tem preoccupado a Europa.

A gravura que hoje publicamos representa uma parte da cidade de Santiago na grande Antilha, onde já se acha arvorada a bandeira dos Estados Unidos da America, e onde já cessaram as hostilidades, não sem grandes destroços que os canhões americanos produziram na cidade.

Depois de uma lucta de mais de tres annos, em que os cubanos se empenharam pela independencia, é certo que essa independencia ainda não é para elles um facto consumado, porque se se livraram do jugo de Hespanha nem por isso estão livres da soberania dos Estados Unidos da America.

Cuba continuará sujeita, embora independente de Hespanha. É o que se depreheude dos perleminares da paz que foi assignada no dia 11 do corrente entre o governo de Hespanha e o presidente Mac-Kinley.

A SITUAÇÃO CAPITAL

O quadro que reproduzimos é do genero d'aquelles que fallam por si. Conta-se ali uma historia interessante, entrecortada pelas goladas de cerveja do narrador a espicaçar a curiosidade dos dois ouvintes.

A curiosidade da mulher é manifesta n'aquelle olhar inquiridor com que segue a narrativa emquanto o dono da casa, mais velho e mais sabedor, antegoza o desfecho da historia que o seu amigo vae contando.

Chegou a situação capital e o narrador fez pausa, para dar mais relevo ao caso: prepara o *mise-en-scène*. A mulher tambem parou com o seu trabalho de meia, o marido suspendeu a golada de cerveja, e os dois fixam os olhos no terceiro, como que para lhe advinharem na phisionomia o que elle vae dizer.

É esta a situação do quadro que o auctor desenhou perfeitamente, na expressão que deu ás suas personagens.

A CORDA DO ENFORCADO

(Continuado do n.º 706)

A filha do Domingos da Azenha entrara, sem hesitar, e sumira-se no interior. Era animosa a pequena. Fora dar uma volta pela casa, não se tivesse lá mettido alguem, emquanto ella foi chamar soccorro.

Mestre João, depois de fallar com o seu cabo geral, entrou descobrindo-se. Atraz d'elle seguiram todos, deixando no meio, em volta do morto, um espaço livre. Era o natural respeito pelos mortos, e a idéa do crime, o que os affastava do sinistro vulto do enforcado.

Alguns, mais atrevidos, correram os quartos todos, como em busca da explicação d'aquelle mysterio. Com effeito o caso era para fazer pensar! Um ladrão enforcar-se na propria casa, que queria roubar!... Nunca se vira tal coisa! E em testos rijos, como aquelles, não entrava facilmente a possibilidade de semelhante tragedia!

Corridos e examinados todos os recantos, voltaram e estacaram deante do morto, olhando ora para elle, ora para o regedor, ora para a Mariquinhas, que, ainda soluçando, estava a um canto, encostada á arca, sobre a qual se via uma grande faca.

Mestre João sentara-se, percorrendo com os olhos a casa, e encarando attentamente no enforcado—que elle já reconhecera. Depois levantou-se, e, como para tirar as duvidas, foi ao pé d'elle, e examinou-o de perto.

—É elle, é. Está disfarçado, mas bem se conhece. Cortou a barba, encarvoou-se, e amarrou um lenço aos queixos.—Enganou a pequena, mas a mim não me embaçava.

E terminado este monologo interior, chamou o fiel Joaquim e disse-lhe em segredo:

—É o José Tanoeiro. Mas como elle arranjou este par de botas para ir para o outro mundo, é que eu não posso atinar!

—Elle sempre foi má rez. E por isso veiu corrido lá de Villa Nova de Gaia—disse o cabo geral—que elle não é nascido aqui. Má rez—sim, mas não era tolo. Ahi já se rosnava d'elle, e eu trazia-o já d'olho.

—Vamos lá ouvir a pequena—disse alto mestre João.—E o sr. Joaquim tome nota das respostas d'ella, e os senhores presentes sejam testemunhas. Que eu d'isto lavrarei auto—cá para meu governo—auto que os senhores assignarão como souberem.

—Ora anda cá, menina, e agora, que já estás mais socegada, conta-nos como foi isto tudo. Eu quero saber tudo, desde o principio. E quem é este homem, se tu o conheces. Em fim tudo—que é para eu dizer á justiça, e tu descançares, e teu pae não ter trabalhos—porque, no fim de tudo, o que nós vemos por agora aqui é um homem morto em tua casa, e então é preciso sabermos como isto foi.

E depois d'este preambulo, que não foi ciceronico, mas que todos entenderam, fez-se silencio.

*

* *

A *Russa* saíra do seu canto, e já estava em pé defronte de mestre João.

—Eu vou dizer como foi. Ao principio não o conheci...

—Ao principio? observou o regedor. Isso assim parece-me que não vae bem.

—Sim, senhor, ao principio—repetiu ella. Porque elle trazia a cara tapada, e fallava com outra voz...

—Mas, olha, menina, ha de haver outro principio antes d'esse.

—Desculpe o sr. João—Eu ainda não estou bem em mim. Dá-me assim baques a cabeça... Parece-me que me falta o ar! Mas eu conto... Eu vou contar tudo desde o principio.

Quando meu pai, hoje de manhã cedo, foi para a azenha, levou a espingarda, e disse-me que não abrisse a porta a ninguem, e, que, se elle matasse alguma perdiz na serra, que m'a mandava cá, ou vinha elle trazel-a, mas que o mais certo era mandal-a. E foi-se, repetindo-me: Tem cuidado com a porta. Parece que adivinhava! Eu credo que elle andava desconfiado d'alguma coisa, porque já não saia de casa sem a arma.

Ha pedaço, estava eu lá dentro, senti mecher na porta, e perguntei, mesmo de lá, quem era. A voz que me respondeu, pareceu-me a do *Cabaça*, que é o guarda lá da azenha: vim e abri. A porta veiu logo para dentro empurrada, entrando aquelle homem, que eu não conheci. Deitou logo a mão

á chave e, dando a volta, tirou-a e metteu-a na algibeira. Imaginem como eu fiquei!

—E depois?

—Depois perguntou-me, com a tal voz fingida, onde é que meu pae tinha o dinheiro.

—Meu pai não tem dinheiro—respondi-lhe eu.

—Tem, sim. Tu é que não tens amor á vida—e puchou d'aquella faca, veiu para mim, e agarrou-me. Como eu gritei, segurou-me com mais força e ameaçou-me de me matar logo, se eu não lhe dissesse a verdade.

Eu estava aqui só com elle, ninguem me acudia... Elle esfaqueava-me!... Que havia de fazer? Disse-lhe onde estava o saquinho com o dinheiro—lá em cima, no sotão, que tem uma janella, que dá para o quintal.

Não me deixou lá ir só, e foi commigo. Como sabia os cantos á nossa casa, teve medo que eu fugisse, e chamasse gente. E mais é que não se enganava. Elle vinha mascarado, mas pela voz é que eu, lá em cima, desconfiei quem elle era. E a chorar disse-lhe assim:

—Ora como o visinho tem animo de fazer isto a meu pae!

—Ah! tu conheces-me?! voltou elle com uma cara muito feia, e a voz assim sumida...

—Conheço, sim, senhor.

—Conheces! Vê o que dizes!...

E eu, toda a tremer, ficou-me aqui a voz presa, e puz a cara no chão.

Já estavamos cá em baixo—alli áquella porta—e a *Russa* apontou para a porta interior. Elle não tinha largado a faca da mão. Agarrou-me pelo pescoço, e com uns olhos assim, que lhe saltavam da cara, diz-me:

—Como queres tu morrer?

—Com a faca não! não! gritei eu.

—Não grites, que ninguem te acode. Vaes então morrer enforcada. Uma corda! Vae buscar uma corda.

—Não sei onde está.

Apesar do medo grande, eu ia-lhe respondendo. Queria viver...

—Olha, está alli uma naquelle prego—e foi buscal-a. Ai! senhores, de que eu escapei! Foi Nossa Senhora que me valeu!.. E num instante fez um laço, e, subindo áquelle banco, armou-o na trave, puchou por elle com força, e chamou-me, que lhe segurasse o banco. E quando eu lh'o estava segurando, e tremia como varas verdes, o malvado diz-me assim, com uma cara... Ai! snr. João, eu ainda isto me parece mentira!

—Mas o que te disse elle?

—Que queria experimentar, ver se o laço corria bem, para não me fazer doer..

—Que grande malvado! O patife, ainda em cima, estava a mangar comtigo!

—E vae, metteu elle a cabeça no laço...

—E depois? perguntaram todos, que iam acompanhando, com os olhos attentos na rapariga, a narrativa.

—Depois, não sei como foi... Eu não lhe segurava já o banco, que lhe fugiu dos pés... E elle ficou suspenso no ar!... Eu, quando o vi a dar com as pernas, e com as mãos aggarradas ao pescoço, corri ao sotão, saltei para o quintal, e de lá deitei pela estrada fora, a gritar...

—Porque não foste por esta porta?

—Não, senhor, que elle tinha mettido a chave na algibeira. E ella lá ha de estar, assim como o dinheiro.

—Mas ella estava aberta...

—E' que a arrombaram, depois de eu sair d'aqui.

—Então tu não o ajudaste a bem morrer? Dize lá! Tu serias capaz de lhe puchar pelas pernas, vendo-o alli seguro, hein? E mestre João fitava os olhos da *Russa*, a ver se descobria nelles a confirmação da suspeita, que lhe passara pelo espirito.

—Eu! senhor João! respondeu ella, com o olhar espantado, e um ar de medo e pasmo. E recuando deu um grito, e caiu no chão, escondendo o rosto nas mãos convulsas.

Correram a levantal-a.

—Ainda está vivo! gritava ella, debatendo-se espavorida, apontando para o morto, que balouçava no ar.

—Foste tu que lhe deste com as costas, quando recuaste. Socega, pequena, que elle está morto e bem morto. Tirem-o

CENTENARIO DA INSTITUIÇÃO DAS MISERICORDIAS

FR. MIGUEL CONTREIRAS

Copia do quadro existente na Bibliotheca Nacional, pintado em 1766 por Carlos Antonio Leoni

GUERRA HISPANO-AMERICANA

UMA VISTA DE SANTIAGO DE CUBA

d'ahi, e ponham-o aqui no chão. O José da Magdalena — disse o regedor — apontando para um dos presentes — é que fica de guarda á casa, e vão avisar o Domingos de que tem cá um hospede, e que, se matou a perdiz, ha aqui quem lh'a ajude a comer. E vamo-nos embora, que esta estava-nos guardada para o fim da festa!

— E o dinheiro de meu pae, que elle tem alli na algibeira? — perguntou a *Russa*.

— Já lá vamos, menina. Tu sabes quanto era?

— Eu, não, senhor.

— Então vae-se vêr. Dá-m'o cá.

— Eu! — disse a pequena, toda encolhida — O snr. José...

— José, dá-m'o tu.

— Vamos lá, que o ladrão tinha faro! Olé, se tinha... Tem seu peso — observou o José, so-

— Eu vou com o senhor João, se me faz favor.

E a *Russa*, ao responder, apontava com os olhos enviezados para o cadaver, que jazia a um canto, estendido no chão, e fazia-lhe com as mãos um gesto de repulsão e affastamento.

— E tens razão, pequena — confirmou o regedor — que elle, valha a verdade, se em vida não era bonito, agora parece o diabo! Cruzes, canhoto!

*
* *

Na aldeia já vagamente se sabia do acontecido. Um ladrão enforcado! diziam todos, e discorriam ácerca do estranho facto, que para elles tinha ares de mysterio.

Quando chegou mestre João rodearam-o logo.

passou. Como regedor tenho de dar parte do caso ao sr. Administrador do concelho e ao sr. Prior da freguezia — e aqui mestre João fez uma pausa respeitosa — e quero por isso estar bem certo do que lhe tenho a dizer. Agora dize tu, Mariquinhas, como tudo se passou. Estes senhores, que são todos amigos de teu pae, teem muita vontade de te ouvir.

. . . .

Terminada a narrativa, a assembléa foi-se escoando lentamente, impressionada pelo tragico acontecimento, e admirando, ao mesmo tempo, o sangue frio da rapariga, que, em tão apertado lance, não perdera de todo a cabeça, e procurara defender a vida, tão seriamente ameaçada.

Nas fileiras da opposição fez escandalo o gracejo do regedor, quando se referiu ao hospede, que

A SITUAÇÃO CAPITAL — Quadro de Goldmann

pesando o sacco, que lhe custou a achar nas algibeiras do morto.

Os que estavam alli fitaram os olhos no thesouro, que passara ás mãos de mestre João. O regedor vasou-o em cima da arca, e contou para si o dinheiro. Depois do que tornou a mettel-o no sacco, que atou muito bem, e, abrindo a arca, deixou-o cair dentro e fechou-a.

— Agora fica aqui. O que tu dirás, José, ao tio Domingos, quando elle vier. E aqui tens a chave da arca. Tu tens medo de aqui ficar?! Estás assim com cara de gallinha cosida! Todo arripiado!

— Se lhe parece que o caso não é para isso, mestre João!

— Olha lá, como a casa tem saida pelo quintal, que fique outro de vocês de guarda ás trazeiras. Manda lá o teu filho — que isto tem pouca demora. O Domingos não deve tardar.

— Mariquinhas — tu ficas? Ou queres vir commigo, e voltas quando vier teu pae?

Elle, depois de tomar o seu posto habitual, estendeu as largas mãos sobre os braços da sua grande cadeira, — que já fôra de conegos, e percorrendo com os olhos o numeroso auditorio que até á porta lhe enchia a loja — que, entre parenthesis, não era pequena — chamou a Mariquinhas, e mandou-lhe contar a historia.

— Então, é ella quem conta! — observou, em voz baixa, o sr. Manuel Esteves — um dos da opposição da terra.

Mestre João ouviu, e, voltando-se para o lado d'onde partira a censura, disse:

— Eu quero que seja ella quem falle aqui deante de todos, porque dos dois, que entraram n'este caso, um já não falla, e ainda que fallasse era suspeito; resta a rapariga. Eu já a interroguei lá no local do crime, e já fiz a minha idéa. Mas é preciso tambem que os senhores a oiçam. E eu tambem quero ficar sem a sombra d'uma duvida ácerca do modo por que aquillo se

o Domingos vinha achar em casa, para o ajudar a comer a perdiz. Um horror! O Esteves, quando o soube, foi logo contal-o ao Gonçalves, e este passou-o ao Tavares da Gallinheira — antigo regedor — que o assentou no caderno das accusações, que elle havia de fazer valer contra mestre João, quando o seu partido subisse ao poder.

O da Gallinheira — alcunha que lhe viera da mãe — ao ouvir a historia, olhou para o seu compadre Silva, e, piscando o olho, replicou-lhe:

— Não me admira. Elle sempre foi leve de lingua e de mãos...

O rival vencido e despeitado alludia maliciosamente ao caso da ribanceira.

— Sim, sim — confirmou o outro, com tom sentencioso. N'estes logares tem a gente obrigação de medir as palavras. E com os mortos não se brinca. O nosso Prior tambem não ha-de gostar, quando o souber.

— E naturalmente não ha de tardar muito. Eu

vou lá agora, e já vou encontrar a novidade, aposto. E vou, porque tenho que fallar com elle por causa d'uma certidão.

Estas ultimas palavras disse-as o Esteves por disfarce. O unico motivo que o levava a procurar o Prior, era informal-o do *escandaloso* procedimento de mestre João. Não podia perder uma occasião tão azada para o intrigar.

* * *

Mestre João, quando se viu só na loja com o Joaquim do Giestal, depois d'um silencio d'alguns minutos, em que esteve de certo mergulhado em tetricos pensamentos, suspirou, levantou os olhos ao alto, e exclamou:

— Joaquim, Joaquim! Tempos calamitosos!

— Desculpe eu contradizer a sua palavra honrada — replicou o outro — mas o que devemos dizer n'este caso, é que onde ellas se fazem, ahi se pagam!

— E tambem é certo que Deus escreve direito por linhas tortas, estava eu cá pensando agora — accrescentou Mestre João, levantando-se e pondo a mão no hombro do Joaquim.

— Como assim? perguntou o do Giestal, sem perceber o sentido das palavras do seu amigo regedor.

— Você não entende? Eu lh'o explico. Quando o homem se viu descoberto, perdeu a cabeça, e, se não acha uma corda alli á mão, era uma vez a *Russa!* Elle degolava a pequena. Que a furia dos medrosos é de temer! E nós tinhamos agua pela barba para darmos com o ladrão, com tanta gente, que ahi está de fóra! E foi este o calculo d'elle, aproveitando esta occasião. No que se enganou, e tambem em julgar que ella não o conhecia, assim disfarçado. Mas o diabo cobre com uma manta, e descobre com um chocalho, e a *Russa* pescou o marau pela voz. Já se vê d'aqui, que, quem salvou a vida da *Russa* e o dinheiro do pae, foi a corda. Se ella não apparece alli elle matava, roubava, e fugia! E talvez se ficasse a rir da tropa! Assim, agora, ficou tudo como estava, e ha um ladrão a menos! Deus escreve direito por linhas tortas! — A linha aqui é a corda, que é tambem uma linha grossa. E agora, disse mestre João — abrindo muito os olhos — vae você ouvir o final d'esta historia!...

Hontem, por esta hora, estava eu aqui, quando entrou o Domingos, que havia muito que eu não via. Vinha procurar-me cordas, de que precisava lá para a azenha. Escolheu, apartou duas, e experimentou-as.

— Pode puchar por ellas — disse-lhe eu. E elle, que é forçoso, puchou.

— Então servem-lhe?

— Se servem... Até para enforcar um homem! E, rindo-se, pagou e foi-se embora.

Mal diriamos — os dois — que o dito se tornaria verdadeiro, e que a corda, que eu lhe vendia, havia de ser — a corda do enforcado!

28-Julho-1898. *Zacharias d'Aça.*

O VICE-REINADO DE D. VASCO DA GAMA

(CAPITULO D'UM LIVRO INEDITO)

(Continuado do n.º 706)

O primeiro acto do seu vice-reinado desenrola-se em Chaul, onde a armada em que veiu, surgiu aos 8 de setembro, apos uma viagem penosa de cinco mezes. Era capitão da fortaleza Simão de Andrade, que sabemos como obtivéra a capitania. Apenas fundearam os navios, Simão de Andrade foi logo comprimentar o vice-rei a bordo, fazendo-lhe grandes presentes de refrescos, pois *era muy grandioso e largo em gastar*; sabia ser nababo de occasião: é o que se collige do seu viver. O vice-rei tratou-o com apparente cortezia, mas metteu logo na posse da fortaleza a Christovam de Souza, nomeado por El-rei, recommendando-lhe que não obedecesse a D. Duarte de Menezes, se lá chegasse. Ainda assim, Simão de Andrade chegou a disfructar a capitania por mais de dois annos, pois fôra nomeado em 1521, devendo este favor á demora com que se trocava e resolvia a correspondencia official entre a India e a côrte.

Chegando a Goa a 11 de setembro de 1524, o vice-rei foi recebido pela *cidade* com grandes festas; á observancia do ceremonial da entrada publica dos governadores e vice-reis, que era apparatoso e revelador da magnificencia e pompa que n'estes actos se desenvolvia, accrescia a sêde de justiça de que todos enfermavam, menos o capitão Francisco Pereira que, pressuroso, correu á barra a fim de comprimentar o vice-rei, alem de concorrer para o brilhantismo da festa, quiçá na intelligencia de que isso lhe crearia a benevolencia de Vasco da Gama; mas errou nos seus calculos. Apenas o vice-rei entrou na fortaleza (palacio) notando que se achava bem ornamentada, disse para o capitão: «Senhor Francisco Pereira, assim quizera eu achar bem concertadas todas vossas cousas assim como estão estas casas.» Era que vinha incumbido por El-rei de tomar conhecimento e castigar os abusos e os crimes do capitão da cidade, que empallideceu ás palavras do vice-rei, deduzindo evidentemente que já lhe soava a hora da expiação.

Logo no dia seguinte, tomou D. Henrique de Menezes conta da capitania da cidade em que vinha provido por El-rei, e Francisco Pereira foi demittido. As phrases do vice-rei pronunciadas em publica assemblêa e a inesperada substituição animaram os opprimidos, as victimas do odio, despotismo e cupidez do ex-capitão, a renovarem as suas queixas que foram recebidas e attendidas pelo vice-rei com desusada severidade, porquanto ouvindo simplesmente as partes sob juramento, *sem demandas nem citações*, condemnou Francisco Pereira sem sua audiencia, a pagar todo o dinheiro que os queixosos exigiam. Aqui achamos apenas um senão no procedimento de Vasco da Gama: o julgamento sem ouvir o accusado, merecedor aliás de exemplar castigo. Mas, por aquelles tempos, no reino tambem assim o fazia a Côrte nos processos que se instauravam por abusos e prevaricações praticadas na India; os denunciados quasi sempre eram punidos sem se completar a prova; e o vice-rei, no seu afan de corrigir tudo, não attendeu nem ao preceito do direito natural (*etiam diabolus audiatur*, ainda o diabo tem o direito de ser ouvido, diziam os antigos philosophos) nem á exaggeração de que necessariamente deviam estar eivadas as petições, desde que Francisco Pereira fôra demittido. Affonso de Albuquerque que já se queixava no seu tempo dos seus compatriotas amestrados na arte de mentir, e o eminente historiador e politico Macaulay, no seu estudo sobre Warren-Hastings, deixou a este respeito um avisado conselho aos governantes: «Na India — escreve elle — não ha mais que mostrar o governo má vontade contra qualquer sujeito e em vinte e quatro horas receberá contra elle graves accusações, fundadas em depoimentos tão cabaes e circumstanciados que os terá por decisivos toda a pessoa não corrente na mendacidade asiatica. Ventura será que a assignatura da victima não seja forjada em algum documento illegal, ou mettido a furto n'um esconderijo de sua casa algum escripto de lesa-magestade.» E' triste registar estas palavras, mas infelizmente exprimem a verdade!

O ex-capitão, vendo-se irremissivelmente perdido, ainda teve a coragem de se dirigir ao vice-rei n'estas palavras: «Senhor, já que me roubam minha fazenda, demandando-me o que não devo, peço a vossa senhoria que não mande dar juramento a ninguem, mas que francamente se pague quanto me pedirem e eu mandarei apregoar que quem quizer o dinheiro de Francisco Pereira, que o venha pedir.» Dente por dente, olho por olho, pensava o vice-rei, que respondeu sentenciosamente muito agastado: «quando vós tomaveis o que não é vosso, porque não querieis que fosse julgado por justiça? E pois assim é, não é bem que acheis justiça, pois a não guardastes; mas para vos desencarregar a consciencia mandarei apregoar que a quem vós deverdes dinheiro ou fazenda, que sem medo o venha demandar e lhe será pago. E das cousas crimes não quero entender nada até que seja tempo.» Uma sentença inspirada nas palavras evangelicas: qual fôr a medida de que vós usardes para os outros, tal será a que se use para vós.

Francisco Pereira ganhou, porém, muito com o vice-rei partir pouco depois para Cochim onde veiu a fallecer: pois não consta que dos seus crimes se tomasse conhecimento, antes, deixando de regressar ao reino, soube captar as boas graças do governador successor, offerecendo-se a ir na armada para a guerra de Calecut e a despender n'ella o que *ainda* lhe restava, emprestando tambem á fazenda promptamente 10:000 cruzados. Prestou em Calecut bons serviços, sobretudo com o dinheiro (*mammona iniquitatis*) que largamente gastava, o que mais tarde muito lhe aproveitou quando em Lisboa se instaurou o processo das suas culpas, porque El-rei lhe perdoou e mandou queimar os autos, e *perdeu quem perdeu, que ficaram gemendo a Deus*, acrescenta Gaspar Corrêa. Têm havido depois na India muitos Franciscos Pereira, mas raros Vascos da Gama.

Assim iniciou o vice-rei a sua administração na cidade de Gôa que, no tempo do seu vice-reinado, tinha notavelmente crescido em riqueza e commercio, reclamando a sua prosperidade justiça direita, actos de austéra moralidade e disciplina social, que corrigissem os erros accumulados durante dez annos, e contivessem a onda de ruins paixões, de crime, de devassidões que corriam desenfreadas!

Quem se admirar do procedimento do vice-rei para com Francisco Pereira, espantar-se-ha sabendo do que houve para com tres mulheres portuguezas que pagaram o seu delicto com infamante pena. Antes de sahir de Lisboa, tinha mandado Vasco da Gama apregoar em terra e nas naus, que qualquer mulher que fosse encontrada n'ellas fora da barra, seria publicamente açoutada, ainda que fosse casada, e seu marido tornaria a Portugal carregado de ferros, se fosse escrava captiva, seria perdida para o resgate dos captivos, — e o capitão que em sua embarcação achasse mulher e a não entregasse, perderia os seus ordenados. O fim d'esta expressa prohibição resume o chronista nos inconvenientes dos homens trazerem suas mulheres nas naus, *assim para as almas como oniões e brigas*. Pois, sem embargo da prohibição, foram descobertas, quando a armada chegou a Moçambique, tres mulheres que foram logo deixadas em custodia até que em Gôa foram, todas juntas, mandadas açoutar com o seguinte pregão: «Justiça de El-rei nosso senhor! manda açoutar estas mulheres porque não tiveram temor de sua justiça, passando á India contra a sua defeza.» O bispo D. Martinho, fidalgos, frades e muitos outros foram interceder por ellas com o vice-rei que foi inexoravel. Os frades, que eram de S. Francisco, tinham ido pedir o mesmo com um crucifixo, o vice-rei não os quiz receber, sem que tornassem a imagem ao altar, dizendo que o apparecerem assim pelas ruas era fazerem motim, o que nunca consentiria; obedeceram; ouvidos depois pelo vice-rei, foram desattendidos. Cumpriu-se a pena, porque Vasco da Gama proclamava que sempre havia de punir com direita justiça os maus; á primeira impressão, escandalisou-se o povo, mas em vendo tanta firmeza do vice-rei, «lhe houveram grande medo e se cuidaram e emendaram muitos males que havia na India, mormente nos fidalgos que eram muito dissolutos em fazer males.» Poucos mezes depois, estando nas vesperas da morte, o vice-rei lembrou-se das infelizes açoutadas; no seu testamento mandou dar a cada uma cem mil réis em muito segredo, e não os querendo ellas, dobrados se deviam entregar á Santa Casa da Misericordia; as mulheres acceitaram o donativo «com que acharam bons maridos e foram casadas e honradas.» Este facto mostra o limpido caracter de Vasco da Gama; applicou a pena ao delicto, mas conciliou a execução com louvavel caridade.

Havia desde 1510, um hospital para tratamento dos doentes, não só de milicia, mas ainda paizanos. Aquelles eram em grande numero, e quasi todos para se subtrahirem ao serviço que era então muito arduo, pois tinham de embarcar nas armadas que periodicamente se despachavam para o norte ou para o sul. O vice-rei viu esta relaxação dos soldados e a longanimidade do medico do hospital, a quem ordenou que não recebesse ali doente algum, que o não fosse de chagas e feridas, nem os que fossem feridos em brigas sobre mulheres; então frequentes na cidade. Estas determinações causaram logo descontentamento, sobretudo entre os que se achavam doentes nas naus de viagem, a que o vice-rei acudiu logo com efficaz remedio: mandou apregoar pelas ruas que, em poucos dias, se haviam de repartir pelos homens da guarnição as presas tomadas a uma nau de Meca. Todos como por encanto pediram alta, dando-se por promptos e cessou o abuso de entrarem no hospital doentes simulados *por ousadas*.

Com funccionarios inhabeis, relaxados e corruptos que vinham á India pobres e enriqueciam á custa da fazenda publica ou dos particulares, era o vice-rei bastante severo. Quando se lhe apresentava qualquer empregado provido por El-rei, afim de assumir as suas funcções, examinava-o primeiro, e se o homem não respondia satisfatoriamente, estava perdido, não entrava na posse; — áquelles cujo serviço era de escripturação, mandava escrever em sua presença, e se não dessem boas provas despedia-os logo. Que bello programma para a escolha do funccionalismo? Hoje um concurso, com todas as innumeraveis e complexas formalidades inventadas pela moderna burocracia, não resolve melhor o problema. Vem de molde memorar um caso analogo referido por um

illustre deputado na sessão da camara electiva de 8 de julho de 1885. «Nomeiou-se — falla o sr. Barbosa Centeno — em epocha mais ou menos remota um director para a alfandega de Loanda, o qual se apresentou ao governador, como é de lei e estilo, ao chegar á capital da provincia. O governador era o contra-almirante Francisco Antonio Gonçalves Cardozo — perguntou-lhe se tinha conhecimentos especiaes ácerca da administração aduaneira, ou se ao menos havia estudado as pautas da provincia e designadamente os de Loanda, onde ia servir. Deu uma resposta que define a sua incompetencia e ingenuidade — olhe, sr. governador, disse elle, a respeito das pautas eu só conheço aquellas por onde me ensinaram a escrever quando eu era creança (*Riso na camara*). O governador não mandou dar-lhe posse e remetteu-o para a metropole no primeiro paquete.»

Muitos outros actos praticados pelo vice-rei em Goa demonstram quam zeloso foi na administração dos dinheiros publicos e em extirpar os abusos e as veniagas: foi justo até á severidade, é certo, mas tudo para a reformação dos costumes, tendo somente em vista o bem publico e os interesses do Estado. Em carta de 31 de outubro de 1524, a camara de Goa communicando a El-rei a posse de D. Vasco da Gama, louvou muito a sua rectidão na administração da justiça.

Não podia, porém, Vasco da Gama deter-se muito em Goa, pois tinha de accudir aos negocios de Cochim que era então, a bem dizer, a séde do governo da India. Goa só chegou a ser a côrte magnificente dos vice-reis desde Nuno da Cunha (1538). O rei de Callecut tinha principiado a hostilisar a soberania portugueza muito abertamente nos ultimos mezes de D. Duarte de Menezes, e por isso o vice-rei despachára toda a gente da guarnição existente em Chaul e em Goa para Cochim.

(Continúa) *J. A. Ismael Gracias.*

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

—

(Continuado do numero anterior)

XXII

O conselho dos quatro

A' mesma hora, e annuindo ao convite do doutor, os dois velhos, depois de apagarem a luz do aposento commum, afim de fazer crer que estavam entre os braços de morpheu, abriam pouco a pouco a porta, atravessavam o estreito corredor, Joaquim com dois passos, Romulo com um só e nos bicos dos pés penetravam no sanctuario de Tranquilina e do seu amavel consorte.

O doutor Roque estava mal humorado, o que ás vezes lhe succedia, e não podendo gritar, conforme aconselhava a hygiene, nem sequer respirou, contentando-se com fazer um acêno aos recem-chegados para que se deixassem de sorrir tão inopportunamente e se sentassem.

— Notámos — encetou o Joaquim, esfregando as mãos com o abandono da innocencia — que o Frederico não recolheu ainda ao seu quarto.

— Deveras? — disse a Tranquilina.

— Deveras; anda a tomar o fresco pelo jardim.

— Esteve uma hora bem medida atraz do buxo — adduziu o Romulo — a olhar para a janella da Amalia.

— E a janella estava fechada?

— Estava — replicou, astuto, o Joaquim — antes porém, tinha estado aberta... porque a Amalia permaneceu mais de um quarto de hora a contemplar a lua, que está, na verdade, esplendida...

A cada phrase, dirigia cada um uma olhadela ao doutor encerrado em cruel silencio.

— A mim não me resta duvida — disse o Joaquim depois de breve pausa — o Frederico está apaixonado — archi apaixonado.

— Peior para elle — regougou o doutor quando menos se esperava — devia ter pensado a tempo; agora é tarde.

Os dois amigos olharam um para o outro, desconcertados; parecia ser negocio concluido; haviam sido aplanadas as difficuldades todas em anterior discussão, ao ar livre, e ahi vinha outra vez o assumpto, voltádo do avêsso. Sorriu-se a Tranquilina e ponderou:

— A Amalia parece estar tambem muito disposta...

— A quê?

— A apaixonar-se...

— Peior para ella: devia-o ter pensado a tempo, quando faziamos o possivel para que o pensasse; agora, é tarde.

— Queira perdoar — aventurou-se a dizer o Romulo — fizémos as contas e chegámos a apurar que o Frederico, pagas todas as dividas, fica ainda com uns...

— Bem sei, mas não é d'isso que se trata.

— De que é então? — perguntou a Tranquilina, sorrindo.

— Deves sabel-o... de que a Amalia já não está livre; esta manhã, antes de partir, concedeu a mão a esse engenheiro... sem chorume... Que ideia lhes havia de vir aos senhores, de me encaixarem em casa semelhante maniaco? Bonito futuro para a pobre pequena, bem bonito, sim senhor! Dar pequerruxos a um architecto que os não ha de nunca achar parecidos com os seus desenhos.

— Esta manhã! — balbuciou o Romulo.

— Esta manhã! — balbuciou o Joaquim.

— Sim senhor, esta manhã; entre as sete e as oito escrevi uma carta a esse desventurado.

— Na carta... chamava-lhe *genro! Genro!* comprehendem os senhores?

Meu genro! genro d'este jumento d'este doutor Roque Trombeta!

Semelhante noticia causou verdadeiro desconcerto em todos, menos na Tranquilina, que disse para o Romulo:

— De modo que a Amalia e o Frederico principiam a gostar um do outro?

Mas ninguem respondeu a tão ociosa pergunta.

— Ora oiça, doutor — insinuou, atrevido, o Joaquim — permitta-me que lhe indique um remedio...

— Muito bem — replicou o doutor em tom de mofa — ouçamos o tal remedio.

— Supponde que o Frederico e a Amalia se amam, casamol-os; o engenheiro atrôa tudo para ahi com a gritaria, mas tanto gritará que se ha de callar.

— Eu lhe falarei — adduziu o Romulo — exhortal-o-hei a que renuncie, por bem; arranjar-lhe-hei outra noiva... se fôr preciso, inventarei uma pêta... incutir-lhe-hei que ha n'este mundo raparigas mais bonitas, mas... não... lá isso é que eu lhe não digo.

— E fará muito bem, porque é escusado — retorquiu o doutor. — se apenas se tratasse do engenheiro Enéas, escrever-lhe-hia sem demora:

«Querido genro de chacota:

«Saiba que foi tudo uma brincadeira: a minha filha não quer nada com o senhor e casa com o Frederico.

«Saude.

«Sempre affect.^mo:
Sogro de chacóta».

«Trata-se, porém, da Amalia; e a pequena tem a cabeça mais dura! Fez com que se dissesse que sim ao engenheiro Enéas e ha-de casar com elle, apesar do mundo inteiro. E, uma vez casada, sabendo que o seu dever é querer-lhe bem, é capaz de se apaixonar loucamente por elle... e elle, coitado, deixar-se-ha adorar como um marido milagroso!...

Entrementes o doutor ficára a moer, levantára-se a Tranquilina da cadeira e andava a procurar nas algibeiras de um casacão pendurado no cabide.

— Aqui está a carta — disse, voltando-se para o marido com uma carta fechada e um sorriso — esqueceu-te na algibeira.

— Então — disse o Romulo — o engenheiro nada recebeu!

— E a Amalia não prometteu! — proferiu o Joaquim.

O doutor Roque meditava.

— Recordo-me como se fosse agora, que te dei a carta para que a mandasses deitar no correio. Como é, então, que apparece agora na algibeira do meu sobretudo?

Tranquilina, sem deixar de sorrir, respondeu:

— Estás equivocado, recordo-me perfeitamente de que a metteste no bolso e me dissesteque te lembrasse de a deitares por tua mão no marco postal; sou muito esquecida e varreu-se-me; tu fizeste-l'o de proposito, não digas que não. Meu marido esteve a mangar comnosco — disse, em seguida, para os dois amigos, — ia apostar que sabia perfeitamente que tinha a carta no bolso do sobretudo; escreveu-a com o sentido de a mandar, mas pensando melhor, comprehendeu que talvez... ora vamos, nega-o, se podes.

O doutor Roque, para não negar, sorriu-se modestamente, acceitando, d'este modo, a perspicacia toda com que o presenteava a esposa; o Romulo, porém, entendeu tudo e, por baixo da meza, deu uma joelhada no Joaquim.

Ia entrar-se no assumpto, em virtude do qual, verdadeiramente, se havia reunido o conselho. De que expediente haveria a lançar mão para continuarem a estar ás costas do Frederico, todo o tempo necessario afim de que os dois jovens perdessem completamente a cabeça, e se vissem obrigados a casar para de novo a acharem?

Em lugar de partirem no dia immediato, teriam de demorar-se ali duas ou tres semanas decorosamente, porém como quem céde á força maior.

Romulo, Joaquim e Tranquilina davam tractos ás imaginações sem que déssem com o minimo pretexto.

Permaneceu o doutor Roque uma migalhinha gozando a confusão dos tres, até que por fim, alegre, proseguiu:

— A gôta amanhã vae obrigar-me a ficar de cama; no outro dia estarei para ahi cheio de dôres nas juntas, e estou vendo que a gôta e o rheumatismo vão prender-me aqui toda a semana. Já éra tempo de que os meus achaques me servissem para alguma coisa!...

— A idéa pareceu engenhosa, mas não perfeita.

— E nós? — ponderou o Joaquim.

— Os senhores? Veremos; em ultimo caso os senhores voltam para Milão e consolam-se com a idéa de que não é comsigo que o meu genro ha de casar...

Os dois velhos riram-se, pois estavam resolvidos a não arredar d'alli pé por coisa nenhuma d'este mundo.

— Boas noites, disse d'ali a pouco o doutor — é tarde. Amanhã, ahi pela madrugada, deve entrar commigo o meu ataque de gôta; mas se eu por acaso não accordar cêdo, digam os senhores ao Frederico que me ouviram queixar toda a noite: mas recommendem-lhe que não assuste minha filha; não a assustem os senhores tambem.

— Amanhã veremos o que os senhores sabem fazer.

— Boas noites — respondêram, entre ambos, os velhos com submissa alegria, e foram-se conforme tinham vindo, nos bicos dos pés, atravessando o estreito corredor, Joaquim com dois passos e o Romulo com um só.

Ao approximar-se da janella do seu quarto para fechar os postigos e para melhor poder accender a luz, o Joaquim disse:

— Romulo!

— Que há de nôvo?

— Néva.

— Devéras!

E sem esperar pela resposta, atravessou de nôvo o passadiço, bateu com os nós dos dedos uma pancadinha na porta do doutor, e á Tranquilina, que appareceu entre portas, já com a touca de dormir, disse com algum tremôr na voz:

— Néva!... Isto para nós é maná...

Não é necessario que o doutor Roque incommode a sua gôta; com um tempo assim não ha pessoa um tanto rheumatica que se ponha a caminho... Boas noites.

— Boas noites.

E o Romulo voltou ao seu quarto levando no coração imagem inobliteravel.

— Que mulher! — disse á entrada.

— Quem?

— A senhora Tranquilina: não viste?

— Não vi coisa nenhuma.

— Se entendeste, queria eu dizer?

— O que?

— Que a carta para o engenheiro Enéas não ficou na algibeira do casacão por esquecimento do doutor Roque, mas sim porque a Tranquilina a não quiz mandar. E sabes porquê? Roque, com a sua singular penetração, adivinhou o que viria a succeder!... Foi ella quem fez tudo deixando os merecimentos ao doutor... Aquella mulher é um anjo!

— Dize antes que aquelle anjo não é uma mulher — corrigiu o Joaquim — Quando nos occorre uma idea feliz, por que é que se não ha de dizer? para que a havemos de dar de presente a outrem? Não comprehendo semelhante virtude.

O Romulo não respondeu: elle, pelo contrario, comprehendia perfeitamente que aquella virtude, a modestia, era derivação logica de outra virtude, a prudencia, e que para se acceitar por bom o doutor Roque, eram necessarias as virtudes da Tranquilina, todas juntas.

— Apaga a luz — disse o Joaquim — estou a cair com somno.

Poucos momentos depois, o Romulo, com um suspiro, apagou a luz.

Pin. Sel.

(Continúa.)

NECROLOGIA

ANTONIO MARIA PEREIRA

Fallecido em 27 de julho de 1898

Foi um homem util, um trabalhador honrado, cuja actividade contrastava singularmente com a mandrice indigena, synthese da indifferença estupida d'essa vida que para ahi se arrasta.

A sua actividade e amor ao trabalho aproveitaram a muitos, porque Antonio Maria Pereira soube dar desenvolvimento á sua industria, animando não só muitos auctores, que sem o seu auxilio não poderiam ver as suas obras publicadas, mas dando apreciavel impulso ás artes graphicas com as innumeras edições que sahiam da sua casa.

Póde dizer-se de Antonio Maria Pereira que lhe nasceram os dentes na livraria; e nasceram, porque, quem escreve estas linhas, conheceu-o creança na loja de seu pae, livreiro tambem, que deixou a seu filho o nome e as tradições honradas do seu commercio.

Nem sempre os filhos seguem as pégadas dos paes, assim como nem a todos aproveitam o trabalho e haveres que os paes lhes legam, desfazendo, muitas vezes em pouco tempo, o que levou muitos annos de trabalho e sacrificios.

Antonio Maria Pereira, porém, soube aproveitar bem o patrimonio herdado. Foi ainda além, com vistas mais largas e até arrojo, fazendo edições sobre edições, n'este mercado estreitissimo, em que não abundam leitores, nem auctores que tenham direito a *fazer gemer um prélo*.

Mas o novel editor abriu os braços aos auctores consagrados e aos pretendentes com a mesma franqueza e bonhomia; e d'esta largueza de animo alguma cousa resultou para o movimento litterario em Portugal, que é pena não se affirme por obras de vulto, em logar d'essa alluvião de livros sem senso e sem portuguez que a livraria portugueza, em geral, diariamente está expondo ao publico.

Assim é. Da grande collecção de obras originaes e traduzidas publicadas por Antonio Maria Pereira poucas se recommendam pelo valor litterario, e comtudo algumas edições são aprimoradas, o que mostra a boa vontade do editor. E que cuidados lhe mereciam as edições que, quasi diariamente, elle dava a lume. Sentado á sua secretaria horas e horas por dia e noite, via todas as provas typographicas, além da correspondencia diaria de sua casa, a que dava o devido expediente. Depois a contabilidade, os reclamos, os annuncios, as conferencias com os auctores, as propostas, os pretendentes, um cem numero de cousas, tudo a sobrecarregal-o com trabalho, impossivel para um homem só, e tanto mais para elle, que era fraco, e a quem a anemia, consequencia da vida sedentaria, ia minando lentamente.

As publicações periodicas que tentou, consumiram-lhe boa parte das forças; porque estas edições são as que mais cançam um editor pela preoccupação constante que lhe impõem. A *Revista Illustrada* e o *Branco e Negro* que publicou, aquella tres annos e este dois, não só lhe deram prejuizo pecuniario, senão que o fatigaram extraordinariamente.

Antonio Maria Pereira nasceu em Lisboa, no anno de 1857, e era filho do antigo livreiro do mesmo nome, estabelecido na rua Augusta n.º 52, uma das livrarias mais antigas e mais acreditadas da capital.

Fomos amigo d'elle, como de seu pae, e sentimos profundamente a sua morte.

Recebemos e agradecemos:

Disquisizioni Colombini. N.º 5, por *Prospero Peragallo*, 1898. 1 vol. de 86 pag. É mais um dos preciosos estudos feitos por este illustre prelado que por tantos annos viveu em Lisboa, na sua egreja do Loreto, creando amor a este torrão do velho Portugal.

São muitos, e todos interessantes, os trabalhos de investigação historica elaborados pelo auctor do opusculo que temos presente e cujo subtitulo é *I Pallastrelli di Piacenza in Portugallo e la moglie di Cristoforo Colombo*.

Faz parte de uma longa série de inquirições historicas ácerca da vida do grande navegador e de seus parentes, com os quaes o erudito sacerdote quiz associar-se á commemoração do centenario Colombino.

Occupa-se n'este folheto da origem e fixação em Portugal da familia italiana dos Pallastrelli, cujo appellido depois se transformou em Perestrello; fixa a data de 1385 em que o primeiro Filippe Pallastrelli casado com Catharina Visconti veio para o nosso paiz, obtendo privilegios a que lhe dava direito a sua qualidade de nobre estrangeiro. Um filho d'elle, chamado Bartholomeu Perestrello tomou parte nas navegações dos portuguezes, governando as caravellas que em 1419 partiram para Porto Santo, onde elle depois voltou para ali fundar uma colonia de que foi primeiro capitão e governador. Voltando a Lisboa em 1431 teve de sua terceira mulher Isabel Moniz dois filhos — Bartholomeu Perestrello 2.º e Filippa Moniz que mais tarde foi a esposa de Christovão Colombo, e portanto a quem a familia Perestrello deve a sua celebridade. Occupa-se o auctor em pacientes e eruditas indagações ácerca da ascendencia portugueza de Isabel Moniz, averiguando descender de Gil Ayres Moniz, companheiro do Condestavel e senhor de uma capella do convento do Carmo. Em attenção á nobre ascendencia tanto paterna como materna, entrou Filippa Moniz como recolhida no convento de Santos. Foi em Lisboa que d'ella se enamorou Colombo, realisando-se os esponsaes, segundo as conclusões a que chega o erudito investigador, na ilha de Porto Santo, onde o pae da noiva deixára alguns bens e fazendas. Ali viveram alguns annos, nascendo o filho primogenito Diogo Colombo.

Como é sabido Christovão Colombo abandonou Portugal em 1484 ou 1485 e referem os historiadores que Colombo ia a esse tempo acompanhado de um pequenito, que deveria ter seus seis annos, já orphão de mãe.

Tal é em resumo o assumpto do precioso opusculo, em que este estrangeiro illustre, que por tão longos annos foi nosso hospede bemquisto, mais uma vez mostra o interesse que lhe inspiram os assumptos historicos que se prendem com a chronica da vida portugueza.

Salvemos a patria, *por Decio Carneiro — Typ. de A. E. Barata — 1898*.

Escripto com notavel desassombro, mostrando estudo e trabalho portiado, *Salvemos a patria* é um livro cuja propaganda honra o auctor e todos aquelles que a façam, porque n'elle se patenteiam verdades do genero que as conveniencias mesquinhas consideram pertencer á serie das que se não devem dizer, mas que constituem um correctivo merecido e necessario á sociedade portugueza.

A Decio Carneiro os nossos parabens pelo seu novo livro.

Le Monde Moderne—*revue mensuelle — A. Quantin — Paris*.

Esta elegante revista franceza, que tantas vezes temos encarecido, continua variando e seleccionando a escolha dos seus assumptos. Eis o summario do ultimo numero recebido:

A côte de la vie, por M.me Regamey. — La Botanique de Bernardin de Saint-Pierre, por Ferdinand Faideau — Bologne, por Gerspach. — Le Reichstag allemand, por O. Damotte — Nos grandes cathédrales gothiques, por Louis Gonse. — Nos troupes alpines, por P. de Pardiellan. — Le combat d'Aïn-Bordj, por Ch. Roidot. — Le Bambouk et son or, por André Mévil. — La Médaille, por Gustave Toudouze. — Le Mouvement littéraire, por Léo Claretie. — Causerie scientifique, por G. Mareschal. — Événements géographiques et coloniaux, por Gaston Rouvier — La Musique, por Guillaume Danvers. — Chronique théâtrale, por Maurice Lefevre.—Memento encyclopédique. — La Mode du mois, por Berthe de Presilly.

Religiões da Lusitania — *na parte que principalmente se refere a Portugal por J. Leite de Vasconcellos — Lisboa 1897*.

Incluida na valiosa collecção das contribuições da Sociedade de Geographia de Lisboa, para a celebração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, esta obra tem logar distincto pela sua grande importancia, embora o assumpto não seja dos que mais lisongeiam o espirito versatil da maioria dos leitores do nosso tempo.

As *Religiões da Lusitania* ficarão como um marco miliario na nossa bibliographia archeologica, tanto mais que o auctor só a escreveu preoccupado pela sciencia e não pelo espirito de seita.

A Agricultura Contemporanea. *Revista mensal agricola agronomica — Tomo IX — N.º 2.*

Esta interessante revista agricola, uma das melhor redigidas na sua especialidade, apresenta no seu ultimo numero o seguinte summario:

A commemoração do descobrimento do caminho maritimo para a India, F. Julio Borges; A questão de todos os annos, José Verissimo d'Almeida; O emprego do verdete no tratamento do mildio, H. de Mendia; Culturas regadas Augusto de Figueiredo; Hygiene e medicina dos animaes, Godofredo da Silva Santos; Os trigos doentes, José Verissimo d'Almeida; Estudos de meteorologia agricola: A previsão do tempo, Filippe E. A. Figueiredo; Irrigações no Alemtejo; Indicações uteis; Uma cochenilha da Videira, V. d'A.

Revista politica e litteraria. — *Anno secondo — Volume III — fascicolo I — Aprile e Giugno 1898.*

Esta importante revista romana começou com o presente numero a dispensar-nos a honra da sua visita, que muito estimamos e apreciamos. Os seus artigos, devidos ás mais experimentadas pennas italianas, são todos de interesse geral, não podendo deixar de mencionar especialmente *La crisi dell'estremo Oriente*, artigo em que se estudam a expansão europeia e os acontecimentos em que estão envolvidos os interesses das nações mais poderosas e emprehendedoras.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39